

# Stadium

N.º 185 — 19 de Junho de 1946 — Esc. 2\$00

## PORTUGAL VENCEU A IRLANDA



O Conjunto nacional, que derrotou a Irlanda por 3-1. Da esquerda, no primeiro plano—Lourenço, Araujo, Peyroteo, Caiado e Rogério. No segundo plano—Cardoso, Amaro, Feliciano, Francisco Ferreira, Serafim e Azevedo.



## TUDO PARA AUTOMÓVEIS

Pneus — Câmaras  
Baterias — Esponjas  
Camurças — Ferramentas  
Remendos a Fogo

Lâmpadas para automóveis — Óleos  
Massas consistentes — Valvulinas

### Aceitamos:

BATERIAS para reconstruir  
e PNEUS para recauchutar

//

38 e 40, RUA DO SACO  
Ao Campo de Santana

TELEFONE 4 1 5 7 9



### Caça, Pesca, Tiro a chumbo, Utilidades artigos de desporto

#### Sarasqueta:

A mais linteada espingarda de caça. Interessantes modelos por preços económicos.

#### Star:

A pistole de absolute confiança. 8 tiros. Cromadas e oxidadas.

#### Artigos de Pesca:

Grande variedade de canas nacionais e estrangeiras.  
Carretos, anzóis, linhas, amostras, etc.

#### Artigos de Desporto e Campismo:

Bolas para futebol, caneleiras, joelheiras, raquetes e bolas de ténis e ping-pong.  
Artigos para esgrima, e demais utensílios para todos os desportos de proveniência estrangeira e a preços vantajosos.

Mochiles com e sem armação, modelo inédito tipo ncrueguês. Barracas de todas as qualidades e dimensões, e demais materiais para campismo.

# A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67 — LISBOA  
TELEFONE 2 5 4 2 4 Peça o n.º catálogo grátis



# "FLECHA"

A BICICLETA DOS CAMPEÕES

Para homens, senhoras e crianças

A mais leve e resistente

STAND FLECHA

A ILUMINANTE — Lisboa — Largo do Intendente 11 a 15

# Stadium

N.º 185 ★ 19 DE JUNHO DE 1946 ★ PREÇO 2\$00

## Preliminares de uma bela vitória

Um aspecto do Estádio a hora do jogo

O sr. Ministro da Educação Nacional, tendo ao lado o sr. Encarregado de Negócios da Irlanda e vários elementos oficiais, preside ao desafio

A habitual cerimónia entre os capitães, árbitro e juizes de linha

A magia do futebol vinca-se momento a momento em imagens de uma beleza incomparável. O mais popular dos desportos faz vibrar multidões, apaixonando-as e reunindo-as nos mesmos anseios de vitória, nos mesmos propósitos de progresso firme e indeseitível. Ontem, como amanhã, como sempre, o simpático público do futebol, amparo da nossa melhoria técnica, evidenciada mais uma vez e agora contra a Irlanda, país de belas tradições internacionais, — não falia com o calor dos seus aplausos entusiásticos e desportivos.

Nas quebradas do Vale do Jamor ouviram-se de novo os sons da Vitória, gritos de incitamento. Por Portugal! Era a alma da nossa gente a vibrar e a sentir que também somos de boa classe, que também sabemos como se joga e se ganham desafios da maior responsabilidade.

Os adeptos, os que verdadeiramente o estimam e trabalham pelo seu progresso estão satisfeitos. Viram futebol do melhor, na primeira parte pela banda dos portugueses e na segunda graças ao virtuosismo dos nossos visitantes. Tal como quem assistiu, contagiados pela soberania do jogo, pela sua importância na projecção de relações que devem provocar-se constantemente, — daremos palmas Sinceras e honestas.



Os dois grupos ouvem respeitosamente o hino nacional

# UM ATAQUE COM CHAMA e uma defesa firme e sólida derrotaram a Irlanda

O segundo tempo da equipa irlandesa não fez esquecer a 1.ª parte dos portugueses

Crónica de TAVARES DA SILVA



Os portugueses dominam no jogo por alto!

É raro não fazer vento no Estádio Nacional, o campo de formosura sem par que deixa todos os estrangeiros pasmados de admiração. Sacrificou-se, no entanto, o jogo — pela beleza e pela visão panorâmica. Pela boca permanentemente aberta do Estádio entra ou sai o vento — que não deixa jogar à bola. Eis uma dificuldade que os jogadores têm de vencer, e que torna mais fatigante o seu trabalho. Porque é fácil dizer cá de fora que se deve jogar assim ou assado, mas muito mais difícil executar. O obstáculo duplica o esforço, e os jogadores consomem energias com que não contavam. Na primeira parte, a equipa irlandesa foi a sacrificada. Na segunda, coube a vez dos portugueses. Mas à medida que os ponteiros avançavam, o vento soprava mais rijo e forte. Compreende-se que, desta forma, os vinte e dois homens acusassem, no final do encontro, a natural fadiga provocada pelo jogo e por um inimigo verdadeiramente implacável. A imagem do desafio, anverso e reverso do jogo, justifica-se plenamente. Como se havia de jogar contra o vento da mesma forma que a seu favor, com três goals a coberto, uma riqueza que cumpria defender? Só se o adversário fosse de barro, e ele era de pedra e cal...

Fizemos uma primeira parte memorável. Nós próprios sentimos que, contra a França, não dispusemos dos interiores à altura da situação. Optámos agora por uma composição um pouco auda-

ciosa, mas que a nossa consciência ditava. Deixámos Araújo, que havia já ficado distinto no exame, e fixámos o jovem elemento do Boavista, rapaz de sangue na guerra. Como estes interiores jogaram — já todos o sabem! Caiado fez uma exibição estupenda, sem perder nada da sua fogosidade. Dos seus pés saíram triangulações que organizaram o futebol do ataque, criando situações mortais. Mas o estreado boavista — não se ficou por aqui... Correu, sem um momento de tréguas, durante os noventa minutos — embaraçando a acção do adversário, e perseguindo com tenacidade espantosa o médio contrário, quando em contra-ofensiva, e mesmo os avançados irlandeses. Resultou de aqui o seguinte: Francisco Ferreira, colocado atrás do referido elemento, pôde confiar e aventurar-se no ataque, e ainda cumprir à risca no aspecto defensivo.

Também Araújo, talvez menos brilhante do que contra a França, não deixou de se desempenhar do seu cargo com proficiência, driblando e passando com conta, peso e medida, e aplicando igualmente o seu forte pontapé. Como consequência, e porque a acção de uns se liga à dos outros, muito particularmente no caso dos interiores e do avançado-centro, vimos um Peyroteo — mestre. Na verdade, o ariete da linha nacional mostrou que sabe jogar, desmarcar-se e fugir à vigilância do outro contendor, por mais teimoso que seja. O que ele precisa para mostrar a sua grandeza é de interiores que joguem e de futebol compreensível. A sua acção, deslocando-se para os postos da meia-ponta,

quando vazios, e atraindo o homem que o vigiava para o meio do terreno a fim de abrir brecha na muralha irlandesa das redes, pode classificar-se de notável.

Os extremos que actuaram também cumpriram. De Lourenço a Rogério e mesmo a Bentes, cada qual dentro do seu estilo, jogaram razoavelmente. Certamente, Rogério dispõe de bons pés e tem intuição de jogo, parecendo-nos todavia que não estava a colaborar com os companheiros como se lhe havia dito, tanto nos treinos como nas preleções teóricas. Um jogador, especialmente em desafios da transcendência dos internacionais, não pode nem deve esquecer-se que não vive sozinho em campo e que os olhos da assistência não são só para ele (há mais homens que trabalham plenos de dedicação e obedecendo ao projecto futebolístico!). Por isso, e porque sabíamos, ou calculámos, que a substituição não iria afectar a vitória portuguesa, colocámos Bentes na linha da frente, acalutando desta maneira uma vocação irresistível que nasce para o futebol — a orientação de fortalecer valores e acostamá-los às pugnas internacionais. Há quem discorde do nosso procedimento, considerado, de um modo geral, como erro. Poderíamos, evidentemente, proceder em contrário da nossa consciência se fôssemos políticos. Pode mesmo ser que tenham razão os discordantes, e não deixa de ser lúcida a opinião de Ribeiro dos Reis (o comentário mais interessante que se escreveu sobre a transferência!). Mas a verdade é que estamos na posse de minúcias e de dados que escapam aos ou-



Uma das intervenções de Cardoso!

tros, pois deles só nós podemos ter conhecimento directo e é nosso dever não os revelar em extensões. Sob semelhantes dados poderá construir-se perfeitamente a doutrina da substituição. E já falámos um pouco mais do que desejávamos...

Lourenço, o homem do Estoril, realizou uma primeira parte que nos agradou: algumas das suas passagens e desmarcações foram modelares. Já no segundo tempo, esperávamos mais do seu esforço — sempre generoso. Bentes entrou, na verdade, quando o encontro se tornava mais difícil. Atraído em alguns lances, ainda mostrou a centelha de um jogador de verdadeira classe. Parece-nos um valor a acarinhar — um jogador que irá longe...

Quer dizer: a linha de ataque portuguesa mostrou velocidade e chama, uma frescura a que já não estávamos habituados. Seria injusto dizer que, desta vez, vencemos por causa da defesa. O ataque tem igualmente uma boa talhada no triunfo.

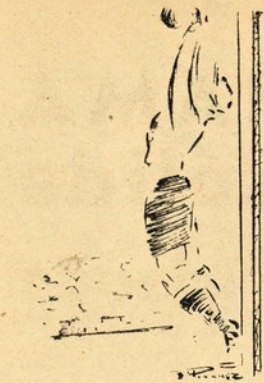
O grupo irlandês adopta a marcação já nossa conhecida. É mais ou menos o modelo adoptado pelo Benfica. Todos se encontram muito bem situados no terreno, dispoendo de toque perfeito de bola e passagem em conformidade. Foram batidos muitas vezes pelos nossos jogadores devido à rapidez portuguesa, em contraste com a sua lentidão.

O guarda-redes titular pareceu-nos o seu elemento mais fraco. O suplente conseguiu parar algumas bolas que levavam o rótulo de goal.

Os defesas são sólidos e seguros, o esquerdo melhor do que o direito, e foi Lourenço quem lhe sofreu as consequências... A linha medular não dá nas vistas, sendo simplesmente activa. Mas



Azevedo chegou a dar a sensação de ter um imán nas mãos...



Azevedo, ao defender, magistralmente, um grande tiro de Elington

o ataque, especialmente o trio central, é qualquer coisa de magnífico: bons dominadores de bola, de dobragem de passes excelente e remates fortes e colocados. Não rematam de longe — como faziam os franceses. Mas já na área do perigo, tornando muito difícil a defesa. Os extremos são um pouco mais fracos, ainda que elementos de planta atlética. Todavia, passam a bola logo que ela chega aos seus pés — embulhando-se por vezes com o resto da linha avançada. Não transportam jogo nem correm pelas asas, nas conhecidas incursões que constituem jogadas tão difíceis de dominar.

Esta linha de ataque lançou-se ousadamente para a frente no segundo tempo — à conquista dos goals. Tinha o vento pelas costas e percebia muito bem que o nosso sistema deveria ser, necessariamente, de prudente jogo defensivo.

Pela nossa parte — confiávamos na formação defensiva que tinha sido fixada contra a França. Tínhamos inteira razão. É certo que o domínio territorial pertenceu à Irlanda, no segundo tempo, mas a verdade é que a organização defensiva portuguesa manteve-se intacta e todos os seus componentes actuaram com invulgar atenção e olho de lince na intervenção das jogadas.

Insistimos em que o favor do território não representa, algumas vezes, domínio de ordem técnica ou tática. Sempre que a defesa consegue inutilizar os lances ofensivos, reduzindo-os à inutilidade, e aproveitar ainda todas as oportunidades que se lhe oferecem para lançar as unidades de ataque, e estas dão seguimento ao lance, com triangulação precisa, de pouco vale em sentido prático a invasão do terreno.

Francisco Ferreira demonstrou, mais uma vez, como a sua incomensurável energia é precisa à selecção nacional, e como pode desempenhar com perfeição o papel de médio-centro, uma figura que pode diferir muito do passado. Conseguiu, sem abdicar da tarefa de vigilância, dar muito jogo à dianteira e, nas melhores condições, passes rasteiros e precisos. Amaro foi também um grande homem! Sempre com uma colocação isenta de defeitos, ao apoderar-se da bola, progrediu no terreno, em arrancadas, para finalizar igualmente com a passagem geométrica, ora com lances para

a direita com o pé contrário, ora para a esquerda com o pé direito. Serafim completou admiravelmente o ramallete. O extremo adversário do seu lado, e muitas vezes o meia-ponta, viram-se obrigados a ter sempre em conta a sua sombra. Realizou ainda lançamentos longos, por vezes captados com êxito.

Quando deixamos a linha modular e volvemos o olhar para a parêntese defensiva verifica-se facilmente que se manteve a mesma validade e consistência. Uma conjugação harmoniosa de movimentos e troca de lugares precisa, não esquecendo a ligação com os médios. Cardoso actuou como grande jogador que é, um perito em estratégia: antecipações e despachos de bola, que constituíram uma autêntica lição de futebol. Mesmo nos transes mais difíceis, Cardoso não perdeu a serenidade, o mesmo sucedendo ao seu companheiro. Feliciano merece a gratidão de todos os desportistas. Desde segunda a sexta-feira com uma angina de aspecto maligno, logo que a febre findou, o pilar da defesa portuguesa não pensou noutra coisa senão em jogar, e neste sentido se nos dirigiu. Submetido a provas médicas e de futebol, não teve dúvidas em nos afirmar que se sentia com forças suficientes para durar a hora e meia — e que não afectaria o rendimento da selecção. Como ele se comportou — viu-se. Embora um pouco diminuído no ponto de vista físico, a sua agilidade, força e poder de pontapé, a sua rapidez sobre a bola e poder de antecipação, não deixaram o ataque tranquilo um só momento.

Que havemos de dizer, finalmente, de Azevedo, o maior guarda-redes português de todos os tempos? Um homem que, à primeira vista, parece não ter agilidade, e que, no momento preciso, salta como um gato, defendendo bolas que nos dão a impressão de nada, neste mundo, impedir a sua entrada nas redes. Já vincamos a maneira de remate dos irlandeses — que não desperdiçam pontapés, apontando apenas da boa área. Pois Azevedo executou várias defesas fulgurantes, tanto rasteiras como por alto. Um bloco defensivo como o da selecção portuguesa merecia, na verdade, um homem como Azevedo.

Além de tudo, parece-nos de justiça salientar que o onze fez a sua apresentação bem preparado, fisicamente. Todos os elementos, de um modo geral, tiveram respiração e força muscular para a hora e meia, recolhendo os benefícios de um estágio ordenado. Não se nos afigura que tal seja um pormenor de secundária importância, sabendo-se que o futebol de competição exige força, fôlego e poder físico. Para o facto muito contribuíram, como sempre, os srs. drs. Mesquita de Guimarães, professor Luís Adão e maçagista Manuel Marques.

As selecções alinharam da seguinte maneira:

*Portugal* (camisolas grêns com as quinas nacionais e calções brancos):

Azevedo (Sporting), Cardoso, capitão (Sporting), Feliciano (Belenenses), Amaro (Belenenses), Francisco Ferreira (Benfica), Serafim (Belenenses), Lourenço (Estoril), Araújo (Porto), Peyroteo (Sporting), Caiado (Boavista)

e Rogério (Benfica). Quase ao fim da primeira parte, como era permitido, Bentes (Académica) substituiu o extremo benfiquense. Frisemos a circunstância, como curiosidade, dos cinco elementos de ataque pertencerem a clubes diferentes.

*Irlanda* (camisola verde com o distintivo nacional das folhas de trevo e calções brancos): Courtney (Cork United), Mc. Millen (Belfast Celtic), Aherne (Belfast Celtic), Carey (Manchester), Vernon (Belfast), Farrel, capitão (Shamrock), O'Reilly (Cork), Sloan (Arsenal), Walsh (West Bromwick), Mc. Alinden (Shamrock) e Eglinton (Portsmouth).

Depois do terceiro ponto, de uma cabeça estupenda de Peyroteo, Martin (Glenoran) substituiu Courtney, que, tendo batido contra o peito, ficou impossibilitado de continuar na partida.

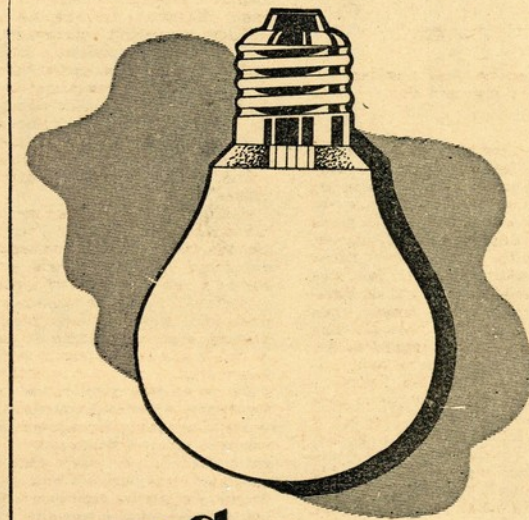
Foi esse o momento nevrálgico para os irlandeses. Mas as primeiras defesas do guarda-redes suplente, um rapaz que também joga a defesa e a médio, fizeram com que a equipa readquirisse serenidade. O certo é que as pontas das balizas ficaram fechadas até o fim do desafio.

A partida foi dirigida pelo árbitro suíço Warthburg, o juiz de campo que também arbitrará o Espanha-Irlanda. Devemos clas-

## Desportistas espanhóis em Lisboa

Vieram de Espanha assistir ao desafio Portugal-Irlanda três conhecidas figuras do futebol espanhol: José Maria Mateos, seleccionador durante nove anos, jornalista de especialidade de envergadura e actual dirigente da Federação Espanhola, que se fazia acompanhar por sua esposa; Luiz Passarín, actual seleccionador; e Pedro Escartín, árbitro internacional e também jornalista de mérito. Já regressaram ao seu país — levando saudades do nosso acolhimento.

sificar a arbitragem de modelar. Em vários aspectos das Regras, o árbitro suíço deu uma lição. Os portugueses devem recolhê-la. O jogo somente foi interrompido quando não podia deixar de ser. Os truques subterrâneos foram inexoravelmente punidos. Pequenas faltas passaram em claro; na orientação sensata de deixar jogar. Também o jogo não podia ser mais correcto nem mais desportivo. A vitória honra o futebol português e fecha a época magnificamente.



peça

AO SEU FORNECEDOR UMA LÂMPADA QUE LHE GARANTA. COM POUCO CONSUMO. UM FORTE PODER ILUMINANTE. PEÇA LÂMPADAS

# PHILIPS



# Contes do Grande desafio



1 - O seleccionador e os seus pupilos, em pleno estádio. 2 - Peyroteo, no estádio, aprecia duas bolas que vão servir no jogo. 3 - Caiado sabe tocar piano... Araujo, Amaro e Vasco assistem a uma das suas exhibições. 4 - À chegada dos irlandeses ao Aeroporto. 5 - Feliciano, doente, embrulha-se num cobertor. Era preciso estar bom! 6 - O treino dos visitantes. O grupo e seus dirigentes. 7 - Feliciano, na cama, é injectado pelo maçagista Manuel Marques. Estão junto dele alguns colegas. 8 - Uma desportista irlandesa, directora de um dos seus melhores clubes, visita a piscina de Algés, acompanhada por um funcionário da F. P. F. - Rubens.



# DUM TOUREIRO VELHO AOS TOUREIROS NOVOS

**P**ORQUE em recentes crônicas no semanário «Diga-me», de Madrid, e no livro de «La Feria de Sevilla», nos ocupamos dos toureiros do nosso tempo e dos de hoje, entendeu um velho toureiro sevilhano, José Machio Trigo, escrever-nos uma carta que qualquer revista espanhola desejaria publicar.

De José Machio Trigo, que em Madrid se apresentou em 7 de Fevereiro de 1894, diz José Maria Cossio na sua enciclopedia «... nele se juntava sangue de duas famosas linhagens de lidadores — os Machio e os Trigo. — Era muito valente e o seu trabalho teve bastante aceitação. Em 1896 foi ao México e toureou em todas as Repúblicas da América do Sul, incluso na Bolívia.

E passamos a traduzir a carta de José Machio Trigo:

*Sr. D. Rogério Pérez, meu caro senhor:*

*Tomo a liberdade de lhe dirigir estas linhas por julgá-las de actualidade, e originais. Trata-se de recordar as lições que me deram aqueles Mestres do toureiro que foram Manuel Carmona e Fernando Gomez «El Gallo». Estes dois matadores de touros foram os meus mestres, o primeiro começou a ensinar-me tinha eu sete anos e não me afastei dele, nem da sua Escola, até que estreei em Madrid, e o segundo levou-me na sua quadrilha, não como um subalterno, mas sim como um ser querido, durante tres anos ou quatro. Assim julgo poder falar em nome de uma Escola que hoje vejo perdida. Nenhum dos novos que hoje toureia procura colocar-se e executar as sortes tal como me ensinaram a mim aqueles dois grandes toureiros. Com 75 anos de idade, e sendo o único que resta daquele tempo, seria egoísmo da minha parte levar comigo o que aqueles Mestres me ensinaram e tanto trabalho me custou aprender. E em qualquer ocasião fico à disposição para informar acerca de todas as sortes do toureiro, colocação em que hão-de ser iniciadas, modo de girar os pés e os braços, tendo sempre em conta que a arte de tourear está baseado em parar, parar e parar.*

*Depois, há que saber o sitio da arena em que se devem iniciar as sortes, a colocação a tomar ante a cabeça do touro, como pôr os pés para poder girá-los, e como girar os braços, a circunferência que o touro descreverá para que os passes resultem completos, quer sejam de capa ou de «muleta». Tudo isto eu poderei fazer por escrito ou servindo-me de fotografias, ainda que melhor fóra ter o discípulo diante, e terei muito prazer em dar algumas lições a algum que em particular me recomende.*

*O que se torna preciso é que muitos dos novos saibam que alguns dos lances que lhes vejo em fotografia não podem ser escutados e rematados se não se souberem colocar bem, e se não se emendarem convenientemente. E porque não se colocam bem, não podem levar bem o touro na jurisdição e mais se teimam em ter a mão esquerda completamente morta e na ingle, com os pés situados como para um «parou». Assim não pode o lance resultar completo, nem o «diestro» pode ficar em atitude de continuar toureando sem ter que se emendar, nem o touro pode chegar à jurisdição, nem o toureiro pode prosse-*

*guir a «faena». Em qualquer fotografia das de hoje verá alguma coisa do que lhe digo. E dos lances de capa pode-se dizer o mesmo: há que tomar os touros em sorte, e estar bem centrado, para que os passes resultem completos.*

*Seria curiosíssimo perguntar a mais de metade dos toureiros que hoje actuaem em primeira fila a que princípios de arte ou escola obedecem para as iniciar e rematar, com a capa ou com a «muleta». Mas, para que ouvir as suas respostas se os instantâneos dizem tudo.*

*E é pena porque alguns reúnem boas condições, e valentia, mas não basta juntar os pés e ficar quieto. Parar é outra coisa. Perdõe esta carta, e disponha do velho José Machio Trigo, Measa, San Bernardo, 21, Sevilla.*

P. S. — *Há dias veio fazer-me uma visita um papá acompanhado dum seu querido filho que quere ser toureiro. O erio tem 18 anos e já matou dois novinhos em Sevilla. Vai o pai e diz-lhe: anda, filho, agarra na capa para que mestre Machio Trigo te veja, já que te não viu na Maestranza. E o menino agarrou na capa com as duas, elevando-a e começando por lhe dar uma dentada na parte superior, demonstrando com isto mais vontade de comer que de tourear, e depois patenteou toda a sua ignorância na colocação ante o touro imaginário e no mover dos braços, de tal forma que se o touro não fosse imaginário, nem quero imaginar o que lhe teria acontecido. O pai, vendo que eu torcia o nariz, disse então que o filho estava mais seguro com a espada do que com a capa, e que com a «muleta» estava de facto verde. Pois em verde é que se lhes dá feitio aos toureiros — respondi eu — isto quando eles se quereem amoldar. (a) José Machio Trigo.*

*Note bem: — A fotografia de Diamantino Vizeu que publicamos não guarda relação com esta carta, alem da de desejarmos que o toureiro português, que depressa deve ir para Espanha, oiça na sua volta a Sevilla, Mestre José Machio Trigo.*

EL TERRIBLE PEREZ

Seria curiosísimo el preguntarle a más de la mitad de los toreros que estan actuando hoy en primera fila, ha uno por uno, aque clase de escuela o de arte se acoge para empesar y rematar a faena, bien com el capote o con la muleta, repito que seria curioso el oir algunas repuestas. Pero, para que preguntarlos nada, no estan representados todos sus instantaneas?

J. Machio Trigo



# A vida desportiva POR ÊSSE MUNDO FORA

## BOXE

### Um campeão que revalida o seu título

DELA 15.<sup>a</sup> vez, desde que ascendeu ao campeonato mundial da categoria «levíssimos», a 7 de Agosto de 1942, Manuel Ortiz confirmou os seus direitos ao título, derrotando por fora de combate ao 11.º assalto o pugilista Jack Jurich.

A luta realizou-se em São Francisco da Califórnia.

### A morte de Jack Johnson

UM carro seguia velozmente pela estrada de Franklinton (Carolina do Norte) quando derrapou. Dentro dele seguia o antigo campeão negro, de fama mundial, Jack Johnson, vencedor de Tommy Burns, em 1908, e de Jim Jeffries, em 1910.

Trasladado imediatamente ao Hospital de Raleigh, foi impossível salvá-lo da morte. O seu enterro, realizado em Chicago, teve a imponência das grandes manifestações colectivas.

Johnson, além de científico e potente, ganhou fama por detestar as mulheres da sua raça, o que lhe valeu inúmeros dissabores.

### Paulino Uzcudun reaparece no boxe

O famoso Paulino voltou a calçar luvas, em exibição contra dois adversários. Sentindo nostalgia dos tempos passados ao pretendendo demonstrar que ainda pode competir com a juventude, o vasco cambiou sopapos com dois amadores.

Segundo dizem as gazetas, o seu trabalho agradou.

### Vitória de Santiago...

LUIZ DE SANTIAGO, que venceu o preto Wilson no Campo Pequeno, derrotou agora, por pontos, o pugilista Fortea, de Valência.

O combate, levado a efeito em Barcelona, desagradou pela maneira embrulhada e desleal que ambos combateram.

### ... e derrota de Medina

MEDINA, o pequeno e potente cigano francês, que joga o boxe na categoria dos levíssimos, foi batido em Belfast, ao 3.º assalto, por inferioridade física, aliás veementemente contestada pelo próprio. O seu feliz vencedor, Bunty Doran, estava em maus lençóis e havia tombado no solo, momentos antes de causar a ferida no sobrolho que determinou a decisão.

## NOTA DA SEMANA

ASCOT, lugar de reunião favorito da Corte e da alta-sociedade inglesas, está à vista.

É o meeting bom-tom do desporto hípico, como Wimbledon é do ténis, Hurlingham do polo, Lord's do cricket e Cowes das regatas.

Podem dizer-se a seu respeito como Talleyrand disse dos tempos anteriores à Revolução Francesa: «quem nunca viveu o ambiente de Ascot, ignora o prazer de fruir o mais aristocrático e distinto meio social do globo terrestre».

Acolhedor, natural, sincero e requintado, eis os atributos deste paraíso inigualável que se denomina Ascot.

A própria rainha Vitória, tão pouco disposta a demonstrações espectaculosas, preferindo viver retirada entre relíquias, assistia às corridas algumas vezes, numa atmosfera de grande gala, juntamente com os dignitários principais da sua Corte.

Este ano, as coisas vão mal. Proezas más, muito más, têm desacreditado os cavalos britânicos, em particular Stirling Castle, Rising Light e Kingstone. A famosa Taça de Ouro irá parar amanhã, 20 de junho, às mãos de estrangeiros ou ficará em casa?

Os ingleses põem esperanças no cavaleiro Gordon Richards e os franceses no cavalo Caracalla, recente vencedor do Prémio Dangu, em Paris.

Gordon Richards tem a seu favor um recorde magnífico: nas 180 provas em que participou, obteve 51 vitórias, ficou em 2.º lugar 32 vezes e 24 terceiros lugares. Mas o problema depende bastante do cavalo e os cem anos de existência desta prova, fundada por instigação de um imperador russo no ano de 1845, at estão a atestá-lo.

Enfim, a Taça de Ouro parece-nos ir parar às mãos dos criadores galeses...

Como uma desgraça raro vem só, os seleccionadores do grupo nacional do jogo do cricket vêm-se embaraçados. Primeiro, foi Perks, lançador, e agora é Griffith, guardião, molestados de importância.

E o cricket disputa ao futebol a primazia da popularidade nas Ilhas Britânicas!

Vieram chubas, em aguaceiros, que afugentaram o público, a ponto de H. A. Brown, secretário do clube do condado de Notts, avaliar os prejuízos financeiros do seu clube em 1.300 libras e declarar: um autêntico desastre para o futuro do cricket!

Yorkshire perdeu duas mil libras; Derbyshire, um milhar; Leicestershire outro tanto...

Não havia memória dum época tão madrastra e tão nociva. Merece ficar assinalado o facto, ao menos para consolo dos outros e registo nesta crónica.

R. B.

## FUTEBOL

### Um árbitro de futebol assassinado!

COM requintes de repugnante maldade, incluindo tortura e morte seguidas de enterramento na vala comum do cemitério, foi bárbaramente assassinado na vila de Occiliano (Itália) um pobre árbitro de futebol.

Além deste criminoso sucesso, que o jornal «Voce del Monferato» publica e «El Corriere Lombardo» reproduz, consta que seis jogadores do grupo visitante ficaram gravemente feridos no campo, em consequência do estado de espírito da assistência.

A cobardia de actos como estes merece exemplar castigo, não só penal como de carácter diferente. Infinitamente repugnante, estamos seguros de que seria impos-

sível em Portugal sem levantamento unânime da opinião pública contra os assassinos.

### Caicedo, treinador do Valência

PATRÍCIO CAICEDO, um dos mais antigos treinadores de futebol do país vizinho, tendo passado pelo Espanhol, de Barcelona, Saragoça, etc., deve deixar o Mallorca e ingressar no clube de Valência.

## PESOS e ALTERES

### Um campeão da África do Norte

RESIDE em Casa Blanca (Marracos francês) um indivíduo belga, dotado de força prodigiosa. Nasceu em 1920, chama-se Robert Geeraerts, mede 1,82 metros de estatura e pesa 102 quilos. Os seus últimos recordes de pesos e

## ATLETISMO

### Os campeonatos de Barcelona

OS espanhóis continuam a preparar-se com afincado para o próximo encontro de atletismo com Portugal.

Na semana finda principiaram em Barcelona os campeonatos locais. O melhor resultado foi a corrida de 1.500 metros, ganha por Gregório Rojo no tempo de 4 minutos 6,8 segundos, seguido de Juan Serra, em 4 minutos 8,4 segundos.

A corrida de 400 metros terminou com a vitória de Vicente Alfonso, em 52,8 segundos, e os 100 metros planos foram ganhos por Emilio Vidú, em 11,6 s.

Os restantes resultados foram apenas banais.

## TÉNIS

### A França foi eliminada do torneio da Taça Davis

A maior surpresa da competição para a Taça Davis produziu-se em Paris, no Estádio Roland Garros. A França lutava contra a Suécia e tinha ganho os dois primeiros partidos «singulares».

No dia imediato, perdia o encontro de «pares», de modo renhido, mas conservando justas esperanças numa vitória final. Sucedeu precisamente o oposto.

A França foi derrotada no último dia: Poncec, vencendo Petra por 6/3, 3/6, 6/4, 7/9 e 6/0, enquanto Mitic «impavava» Marcel Bernard por 6/3, 4/6, 6/0, 6/3, davam a vitória ao seu país.

## CICLISMO

### Os «Colls del Pirineo»

TERMINOU com a vitória do ciclista francês Vietto a prova internacional ciclista denominada Critério dos «Colls del Pirineo». O percurso estava dividido em 3 etapas, num total superior a 600 km. e com a escalada dos colos mais famosos da cordilheira dos Pirenéus franceses. A primeira etapa fora ganha por Gallussi (italiano), que chegou a Tarbes à frente do conjunto; a segunda coube a Vietto, com grande avanço, e a terceira pertenceu ao belga Geus, seguido de Gallussi, mas a vantagem de tempo alcançada por Vietto na segunda parte do trajeto garantiu-lhe a vitória definitiva sobre os restantes e perigosos concorrentes.



# Há resposta para tudo...

P. 385 — Acha justo dizer-se que o *team* português jogou muito mal contra a França; pior que em outros encontros? (De *Um que se considera imparcial, de Evora*).

R. 385 — As opiniões alheias são respeitáveis, quando não provêm do despeito ou da inveja. O *team* português jogou razoavelmente: melhor e pior que de outras vezes. As coisas más do passado, e felizmente, esquecem com o andar dos ponteiros do relógio...

P. 386 — Diz-se que em Espanha se podiam fazer duas ou mais seleções sensivelmente iguais. Pois, em minha opinião, também em Portugal sucede o mesmo. Qual a sua opinião? (De *A. Queirós, um transmontano*).

R. 386 — Confirmamos a sua opinião. Em Portugal podiam organizar-se duas seleções do mesmo valor. Eis uma tentativa que talvez se faça um dia.

P. 387 — Não lhe parece muito precipitada a inclusão de Bentes, da Académica, no *team* nacional? (Um adepto da Bola).

R. 387 — Não sabemos porquê... Trata-se de um jogador que muito se tem salientado nos últimos tempos, merecendo inteiramente a distinção. É esta, pelo menos, a nossa opinião, que consideramos imparcial.

P. 388 — Porque não joga Espírito Santo?

P. 389 — Dentro do seu lugar, qual produziu melhor rendimento contra a França: Araújo ou Peyroteo?

P. 390 — Fala-se em Araújo ir para o Benfica. Haverá razão para tal dito? (De *P. S., de Castelo de Paiva*).

R. 388 — Espírito Santo ainda está a sofrer as consequências de uma distensão muscular...

R. 389 — Cada um marcou uma bola. Que igualdade!

R. 390 — Não sonhe alto...

P. 391 — Porque não vem a Espanha jogar a Portugal. Acha justo? Não concorda que devíamos dar uma lição a esses senhores? (Um português que o sabe ser).

R. 391 — Por esta simples razão: não queremos...

A única lição seria deixar de jogar com eles! Ao menos, acabavam-se todas as questões.

P. 392 — Sendo um adepto do Belenenses, desejava saber: qual está em melhor forma, Capela ou os Martins? (De *J. M. B. Lauzinha, da Couilã*).

R. 392 — Capela.

Cada vez se acumulam em nosso poder mais perguntas. Estamos a estudar a possibilidade de, uma vez por outra, publicarmos uma página com esta secção, para assim satisfazermos os insatisfeitos.

# MUNDO da BOLA

pelos JORNALISTAS desconhecidos

## MEIA DUZIA DE ASSUNTOS

O sr. Director Geral em Venda do Pinheiro

**1** Apareceu inesperadamente no estádio da Venda do Pinheiro, acompanhado dos directores da Federação, srs. drs. Facco Viana e Mário de Oliveira, o sr. Director Geral dos Desportos. Sucedeu isto na sexta-feira passada.

O sr. tenente-coronel Sacramento Marilins deu, mais uma vez, a honra de juntar com os jogadores portugueses, sem protocolos frios, antes com um grande sentido de camaradagem e simpática.

A vida no estádio não foi alterada no seu ritmo normal. Os jogadores comportaram-se como sempre, isto é, como todos os dias. O sr. Director Geral dos Desportos saiu do estádio claramente bem disposto com tudo que observara, mas os jogadores também apreciaram muito a gentileza da visita.

O presidente do Sporting no estádio da Seleção

**2** As visitas dos dirigentes clubistas são sempre lidas pelos jogadores como prova de consideração que eles muito apreciam.

Por consequência, foi particularmente simpática para os seleccionados sportingistas a visita dos srs. dr. António Ribeiro Ferreira, dr. Carlos Góis Mota, Melo de Carvalho, José Manuel Marilins e Cunha Rosa, que se a direcção dos *leões* em peso, os quais tiveram oportunidade de conviver com os jogadores durante alguns momentos e de observar a sua correcção e exemplar comportamento.

Sítio próprio para estádio de jogadores

**3** O nosso prezado chefe de Redacção, Taveres da Silva, agitou há tempos a ideia de fazer construir no conjunto do Estádio Nacional um edifício para o estádio dos jogadores internacionais.

A ideia mereceu a melhor atenção da Comissão Administrativa do Estádio Nacional, parecendo que a referida construção figura no projecto das realizações futuras. Também da parte da Federação de Futebol se manifestou o mais vivo interesse pelo assunto.

No entanto, não se passa das palavras, e todas as vezes que se faz um estádio — reconhece-se o valor daquela ideia.

Vendo do Pinheiro é um local magnífico para o efeito! Allourença a Companhia do Gás e Electricidade, com a dedicação do seu funcionário António Nogueira, uma colónia infantil modelar. Entretanto, no caso desportivo, não passa de um arranjo, que, de resto, não pode eternizar-se...

As dificuldades à volta da Seleção...

**4** É realmente difícil fazer uma Seleção que agrade a todos. Mesmo impossível! Porque cada um se sente com o espírito de seleccionador, resolvendo cá de fora, com a maior facilidade deste mundo, problemas que não conseguiram porventura resolver se lá estivesse dentro.

Isto é já um lugar comum. Consultando uma dificuldade. Mas há ainda outros obstáculos que surgem, tornando negra a existência do Seleccionador.

Por exemplo: o que sucede agora, brada aos céus! Precisamente na semana do jogo, António Feliciano, do Belenenses, tido como a base sólida da equipa, adoece em condições de tornar duvidoso a sua inclusão. Bem sabemos que ninguém tem a saúde na mão, mas devemos concordar que um caso desles é realmente de arrellar o Seleccionador... e toda a gente.

O suplente no posto de avançado-centro

**5** Havendo substituições, o problema dos suplentes revolve-se de excepcional importância.

Taveres da Silva insistiu claramente em dispor de um avançado-centro suplente. Felizmente, Peyroteo jogou todo o encontro, e não houve necessidade de lançar mão do recurso de substituição. Mas podia ter sucedido o contrário.

Ora, o posto de avançado-centro não se compete com improvisações. Um interior tanto pode jogar num lado como noutro, e o mesmo deverá acontecer com o extremo. Mas o centro é um elemento muito especializado, e que exerce uma acção muito activa no jogo e ainda de excepcional importância.

Por isso — o Seleccionador chamou Patalino. Este, porém, magoou-se no desafio contra o Famicão e teve de ser dispensado. Veio então Cabrita, que se considerou curado, mas que também teve de ser posto de parte por dúvidas suscitadas. Por fim, Júlio, do Benfica. E aqui está como um problema de suplente passo por sucessivos fases.

Não se deplorem as eliminações...

**6** Já ouvimos lamuriar sobre a eliminação dos clubes poderosos na Taça de Portugal.

Trazem-se vários argumentos à liça. Que é uma pena por isto e aquilo, que as recelias vão ressentir-se, e que o Sorteio foi benigno para uns e maligno para outros.

A pura verdade é que tudo quanto aconteceu é da própria mecânica do torneio. Está certo, portanto.

## CORRE QUE...

Apesar das notícias postas a circular, nunca acreditámos que o Sevilha viesse a Lisboa. Nós conhecemos a «política desportiva» dos nossos vizinhos...

Os clubes de Lisboa estão a desenvolver grande esforço no sentido de reforçarem as suas «linhas» já para a próxima época.

Pelos vistos, o Benfica vai aos Açores disputar uma série de jogos.

Já se fala menos na deslocação do Porto ao Brasil. Um dos que também foi abordado sobre o assunto: — Peyroteo.

Para a Comissão de Recepção ao grupo da Irlanda foram nomeados os srs. Martinho de Oliveira, antigo «internacional», e Ricardo de Ornelas, distinto jornalista.

Os bilhetes da bancada central para o Portugal-Irlanda já se venderam com mais dificuldades do que das outras vezes, mas os da lateral e cabeceiras esgotaram-se num ápice.

Continuam como directores da Federação de Futebol os srs. drs. Facco Viana e Mário de Oliveira. Ainda não foram nomeadas outras pessoas. Estes dirigentes têm trabalhado incansavelmente.

A camaradagem entre os seleccionados no estádio foi exemplar.

A promoção a «general da Venda do Pinheiro» de António Nogueira deixou todos os jogadores muito satisfeitos.

Rafael Correia, do Belenenses, vai abandonar os campos da bola.

## Uma anedocta

A vaidade da fotografia...

Por acaso, camos no Estádio Nacional na sexta-feira passada. Estava a treinar a equipa irlandesa. O treino seguia com manifesto interesse.

Em certa altura, o nosso camarada Jorge Garcia, sempre atento aos quites, entrou no terreno e tirou uma fotografia do grupo.

Mas ainda não tinha acabado quando se ouviram gritos do cima da bancada central. Eram os dirigentes irlandeses, que gritavam e corriam ao mesmo tempo — para ficarem na fotografia...

Ah! A vaidade dos homens!

# O Grupo de PORTUGAL conquistou novo triunfo A IRLANDA perdeu por 3-1



Uma das muitas jogadas do ataque lusitano. Peyroteo bate um adversário, e Calado e Araújo seguem o lance



O guarda-redes Irlandês tem a bola bem segura e está auxiliado por tres companheiros. Araújo, entretanto, cumpre com a sua obrigação



Uma defesa oportuna do guarda-rede Irlandês, carregado por Peyroteo



O extremo direito, entrando com oportunidade, marca o «goal» de honra da Irlanda



Rogério marca um tento, metendo-se no centro do terreno. Foi anulado por deslocação



O guarda-redes Irlandês em acção, numa attitude curiosa. Está rodeado pelos seus dois defesas, vendo-se também Rogério atrás de Peyroteo



Araújo e o médio direito Irlandês numa bola alta. O português leva a melhor



Uma defesa segura de Azevedo. Como todas as que fez. Serafim está all para o que for preciso...

# A reaparição de BENI LEVI

## Bom combate de Young Ciclone

**B**ENI LEVI reapareceu ao público lisboeta no Coliseu dos Recreios, depois de um interregno voluntário, durante o qual recuperou energias e cuidou a fundo da sua preparação.

Para demonstrar os benéficos efeitos dessa clausura, destinada a reaver a antiga forma, foi escolhido o espanhol Mariano Hita, pugilista sensivelmente mais leve, de recursos médios e que já fora vencido pelo moçambicano.

O combate esclareceu um ponto duvidoso, demonstrando que Beni Levi ainda possui excelentes qualidades combativas, mas já não é o antigo atleta vigoroso e resistente dos primeiros anos da sua carreira.

Apesar de ter ganho justamente a decisão por pontos, o português esteve longe de evidenciar grande superioridade técnica ou física sobre o adversário. Hita, pesc-leve natural, deve perder sempre com Levi, em meio-médio indiscutível. Por isso, consideramos a vitória do dia 10 do corrente como prova insuficiente da recuperação do atleta de Moçambique.

Anuncia-se para breve outro combate, de Levi com Reverte. A menos que o domínio do primeiro sobre o último seja grande, não poderemos assegurar esse retorno de forma, tão desejado do público e das empresas.

### O que foi o combate

A fisionomia geral do combate Levi-Hita pode sintetizar-se desta maneira: os três primeiros assaltos passam-se com Levi na defensiva, bem guardado e senhor de si. O quarto foi duro, e dos dois lados houve golpes violentos. Levi praticou o *in-fighting*, aliás com bastante êxito, preferindo-o à esgrima a distância, onde a sua ligeireza e envergadura lhe podiam conferir vantagem maior.

O 5.º assalto é francamente do português, bem como os 6.º e 7.º, cuja fisionomia foi idêntica: Levi trabalha a meia-distância e martela o tronco de Hita; o último minuto é aproveitado, sempre, pelo moçambicano para evidenciar superioridade. O oitavo round esteve igual para ambos os jogadores, manifestando Levi alguma fadiga. O nono confirma esta hipótese e a luta torna-se confusa. O último, pertencendo a Levi, foi também fecho das reservas do ex-campeão nacional, que terminou bastante cansado.

O nosso boletim de pontuação registou 199 pontos a favor de Levi, contra 188 no activo de Hita. Por assaltos, a vantagem pertenceu ao lusitano desde o 4.º ao 10.º, exceptuando o 8.º, em que houve igualdade, bem como no 3.º.

Hita dominou nos dois rounds iniciais, apenas.

### Os restantes combates da sessão

Além do combate principal, apenas houve outro digno desse nome: o de Guilherme Martins com Young Ciclone.

O pugilista português encontrou na sua frente um jogador experimentado, mais vigoroso e ágil, que o dominou amplamente.

Ciclone fez uso constante de *swings* do punho esquerdo, atingindo com monótona insistência a face direita de Martins e perturbando-lhe a esgrima habitual.

No segundo assalto Gailherme encaixa «daplo» na cara e no estomago, não conseguindo bater em Ciclone, cujas esquivas impressionam.

Martins, no terceiro, aplica o primeiro golpe bom: um soco da esquerda ao malar, que sacode por momentos o jogador

espanhol. No quarto round, o português domina ligeiramente, obrigando Ciclone à defensiva. Dois socos, bons, de Martins, não têm seguimento.

No quinto assalto, a luta teve o seu ponto culminante e decisivo. A escassa segundos do fim, Ciclone «controa» Martins ao maxilar, entontecendo-o de modo flagrante. O espanhol sangra, mas o adversário procede à toa, manifestando abalado.

No sexto período, Martins acusa ainda o efeito do golpe anterior. E' dominado pelo adversário, que não ataca a fundo nem procura consolidar a vantagem da situação. No sétimo, Ciclone esquiva a quase totalidade das ofensivas de Martins, e a segundos do termo aplica uma série forte; o português acusa-a nitidamente. O último round pertenceu amplamente ao

espanhol, que foi declarado vencido, escandalosamente, pelo árbitro.

A que atribuir-se o resultado? Quanto a nós, à maneira despreocupada como o árbitro anotou a pontuação (que deixava de inscrever no boletim durante os intervalos dos assaltos...), dando origem à beleza de hortaliza da vitória de Martins...

O público vaiou o pagilista, mais pelo gesto do árbitro, que pelo seu comportamento durante o combate.

Os dois primeiros *matches* da noite merecem poucos comentários. O preliminar, entre Claudino Correia e Kid Levi, foi uma cena de pancadaria sem graça nem justificação. No final, após muitas irregularidades que deveriam ter merecido sanções, Correia pareceu-nos melhor, mas o árbitro optou pelo empate.

O desafio seguinte, entre Kaul de Oliveira e Fernando Trindade, acabou com a desclassificação de ambos. Trindade foi o pior dos dois homens. Não lhe falamos nem condições físicas, mas sobram-lhe defeitos e vícios impróprios da sua idade. A decisão do árbitro foi justa e devia, até, ser proferida mais cedo.

Rafael Barradas

# COMENTÁRIOS...

## Por mau caminho

**A**S organizações oficiais de atletismo da temporada que principia, têm, de modo geral, desagradado à maioria da crítica e reflectem uma insuficiência dos dirigentes responsáveis, sobre a qual é necessário, a tempo, lançar o brado de alarme.

O facto agora verificado é tanto mais para lamentar quanto se reconhece que, na quase totalidade, estes homens, que se estão tornando responsáveis de atentados contra o prestígio e o interesse popular do atletismo, são

os mesmos que na época passada cumpriram satisfatoriamente a sua missão e contribuíram para o crédito e expansão da modalidade.

Sem querermos censurar ninguém, tanto mais que temos a certeza da concordância da consciência dos próprios visados sobre a opinião de que as coisas marcham mal, afirmaremos que a causa originária do aborrecimento, dos intervalos inúteis, da indisciplina, das deficiências técnicas que sobrecarregam as sessões atléticas, é, afinal, a ausência nos dirigentes de uma virtude psíquica que aos atletas também é indispensável: a concentração. E, por sobre ela, um espírito dinâmico que estimule actividades adormecidas.

Os componentes do júri das provas lisboetas de atletismo são

demasiado apaixonados pelo seu desporto: quando estão na pista, não querem perder pitada, e, como agravante, confiam demasiado nos colegas, dos quais esperam sempre a iniciativa... E julgamos que se encontram durante a semana poucas vezes para troca de impressões; têm sempre tanto que conversar durante os torneios...

A acumulação de corridas e concursos é indispensável à marcha regular e sempre atractiva das organizações de atletismo; nos programas devia já ser indicada a simultaneidade de disputas, para evitar no momento próprio aquelas reclamações usuais de certos chefes de equipa cujas derrotas se filiam invariavelmente em mil imponderáveis, mas nunca na superioridade do adversário.

Há cargos no júri, como o de secretário, que carecem de ser desdobrados para acelerar a sequência da organização; um só homem, por mais activo e dedicado que seja, não pode dar conta de tudo.

O presidente do júri não pode ser um elemento decorativo; ao contrário, será o que mais trabalha, o que a todos estimula, quem guia os acontecimentos como as circunstâncias determinam.

Aos restantes elementos com junções no terreno exige-se, pelo menos, atenção.

Não é admissível, por exemplo, que um juiz de lançamentos, à quinta tentativa e apenas com seis bandeirolas espetadas no terreno, ainda não saiba a que concorrente pertence cada uma e seja o público, da bancada distante, que lho indique e corrija os seus descuidos.



## BICICLETAS

NOVOS MODELOS  
Preços Sensacionais  
Peçam novas tabelas

## ARMANDO CRESPO

Rua do Crucifixo, 118-124 — LISBOA — Telf. 2 7027

# A BRILHANTE VITÓRIA DE PORTUGAL

## apreciada por jogadores, técnicos e dirigentes

A nossa equipa obteve uma nova vitória, desta vez sobre a Irlanda, que nos visitou no último domingo, para inauguração de encontros internacionais entre os dois países.

Não pode negar-se que o resultado, indiscutível pelo brilhantismo da primeira parte portuguesa, serve para orgulhar o nosso futebol. Vencer em pouco tempo a França e a Irlanda não é feição ao alcance de qualquer conjunto, pense-se como se quiser.

A Irlanda tem o seu nome feito e consagrado no futebol internacional. Conta vitórias honrosíssimas, e não se diga agora, após um triunfo português, que se desvalorizou num repente. Acreditemos sinceramente nas possibilidades do futebol nacional, criando à sua volta o prestígio necessário e justificado. E aplauda-se todo o «team», que soube corresponder admiravelmente à missão difícil que lhe confiaram.

Sejamos optimistas, que bem pouco custa. Sem tolice, calculadamente, preste-se toda a assistência aos nossos jogadores, estejam onde estiverem, no Norte ou no Sul, porque só assim se fará a renovação exigida.

Rodríguez Teles

**Alvaro Cardoso**  
diz-nos que a Irlanda o impressionou mais do que a R. A. F.

O capitão da equipa nacional, Alvaro Cardoso, fez no domingo uma excelente exibição, tanto mais valiosa quanto é certo haver defrontado um jogador rapidíssimo, bem apoiado por outro, que é dos melhores produtos do futebol irlandês: — Mc. Allinden.

Elington, a despeito da sua excelente classe, não conseguiu dominar o capitão da equipa nacional.

— Satisfeito?  
— Claro que sim. A nossa vitória foi brilhante. Ganhámos a uma excelente equipa. Digo-lhe mais: o futebol exibido pelos Irlandeses, principalmente na segunda parte, pareceu-me superior ao da R. A. F. Não deve esquecer-se que a defesa nacional teve um segundo período activo.

— E admirável, pode dizer. Sobre Bentes...

— Parece-me difícil falar sobre o assunto. Só lhe digo, por ser verdade, que o jogador académico é uma das grandes revelações dos últimos tempos. O público não pôde apreciar o seu valor. Pois é pena.

**O árbitro julgou que caíra no desgosto do público...**

Estávamos no Avenida Pálace, onde confraternizavam jogadores portugueses e irlandeses e dirigentes dos dois países. O árbitro suíço Wartburg estava acompanhado por Jorge Vieira, da Comissão Central de Árbitros do nosso país.

O árbitro internacional, que agrediu absolutamente, por sua imparcialidade e competência, esteve a certa altura embaraçado. Ouviu asobios.

Serie com ele? Meteu a mão na consciência...

— Analisando a minha própria acção, não me senti culpado. De resto, o jogo foi sempre correcto, e não tive ocasião de tomar decisões graves. Disseram-me depois que não era nada comigo.

— As arbitragens, no seu país, são difíceis?

— Nem sempre são fáceis. Quando erramos, todos nos «bo-

tem». Se arbitramos bem — não se diz nada...

— Sobre o jogo...

— Na primeira parte, os portugueses jogaram mais. No segundo, o vento, fortíssimo, perturbou-os. A equipa da Irlanda é boa, especialmente no ataque.

**O antigo seleccionador espanhol José Maria Mateos gostou do jogo**

José Maria Mateos, já veterano, foi dos mais considerados seleccionadores da vizinha Espanha. Assitiu ao jogo e esteve presente no banquete, em companhia de sua esposa. Há muito que não vinha a Portugal, e o Estádio maravilhou-o.

— Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que o vosso Estádio é magnífico. Impressionará agradavelmente qualquer estrangeiro.

— Como apreciou o jogo?

— Um bom encontro Internacional. Espero que a Espanha não faça má figura na próxima partida, e para isso irá trabalhar. Os Irlandeses fizeram um segundo tempo de categoria, mas a vossa defesa foi brilhante e feliz.

— Os portugueses...

— Afirmando-se de jogo para jogo. Há muita gente nova, o que é bom sinal. É preciso não contar apenas com uma unidade em cada posto...

«A Espanha conta igualmente com muitos elementos. Formará duas a três equipas iguais. Bom sinal para o futebol da península.

**O sr. Sheridan, presidente da Federação Irlandesa, mostrou-se encantado com o ambiente**

Homem de meia idade, seco de feições mas de olhar expressivo, o sr. Sheridan, presidente da Federação Irlandesa, denunciou logo de entrada a sua satisfação por se en-



PEYROTEO  
Marcador do terceiro «goal»

contrar entre os portugueses hospitaleiros.

— Os senhores possuem uma boa equipa. Não me surpreenderam, visto que derrotaram ainda há pouco a França. O futebol português tem classe.

— Haverá reciprocidade?

— Pois com certeza. Para a próxima época, jogará na Irlanda o grupo nacional português.

— Resultado certo?

— Pelo menos — vitória justa.

**António Feliciano teria grande desgosto se não jogasse**

O excelente defesa internacional perdeu 700 gramas de peso. Esteve alguns dias de cama, a braços com anginas, que o iam afastando do jogo. Mas, tal como se viu, bateu-se valorosamente, nunca renunciando à luta.

— Por pouco não jogaria contra a Irlanda...

— Reagi contra a doença, com extraordinária vontade. É sacrifício. Se não jogasse, teria sincera pena. Fiquei ligado a uma vitória magnífica do futebol português.

— Sentiu dificuldades durante o jogo?

— Se esquecermos que os Irlandeses, no ataque, afiligiram bastante, na segunda parte especialmente, pude chegar ao fim do encontro sem dificuldades. Não dei pelo desgosto físico dos últimos dias. Estou contente.

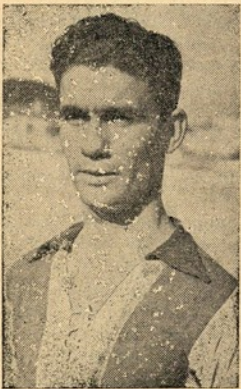
— A nossa vitória?

— Parece que a merecemos bem. Gostei da equipa irlandesa, sabe? Nós também jogamos, não tenho dúvidas.

**Tavares da Silva e o seu habitual optimismo...**

Seja qual for a situação, não se encontra o Tavares da Silva mal disposto. O Seleccionador nacional tem sempre um dito de espírito e

(Continua na pág. 15)



ARAUJO

Marcador do primeiro «goal»

**Escartin e Passarin**  
surpreendidos numa esplanada

PEDRO ESCARTIN e o seleccionador nacional espanhol, antigo «internacional» Passarin, estavam sentados no último domingo, na manhã do encontro Portugal-Irlanda, numa das esplanadas da Avenida da liberdade, em frente ao Palladium.

Pareceu-nos oportuno, embora antes do encontro, ouvir os dois conhecidos técnicos do futebol vizinho. Mas seria possível?

Não foi. Passarin desfez-se o melhor que pôde da solicitação feita. «Não conhecia o valor actual do futebol português; nem dos irlandeses...»

Compreendíamos. Restava-nos Pedro Escartin.

— O Portugal-Espanha...

— Na próxima época, certamente.

E mais nada. Escartin tinha que fazer antes de se deslocar para o Estádio Nacional. Depois do jogo, porém, ouvimo-lo novamente, ainda no próprio campo:

— A vossa equipa deixou-me bem impressionado. A Irlanda conhece o futebol, como demonstrou na segunda parte.

— Contra a Espanha, domingo...

— Ganharemos.



ROGÉRIO

Marcador do segundo «goal»

Capitão Pimenta da Gama no «XEREZ»



Capitão Guedes de Campos no «CONGO»



Capitão Carvalhosa no «TETE»



Tenente Joviano Ramos no «RASO»



# Os cavaleiros portugueses } em MADRID }

**T**ERMINOU no sábado a sua actuação em Espanha a equipa portuguesa, chefiada pelo major Ivens Ferraz e constituída pelos capitães Pimenta da Gama, Guedes de Campos, José Carvalhosa e Tenente Joviano Ramos, que foi a Madrid disputar o Concurso Hípico Internacional deste ano.

Não se pode dizer que foram felizes neste certame os nossos representantes, porque as classificações que obtiveram estão longe bastante das alcançadas em anos anteriores e não corresponderam ao que se esperava, tendo em conta não só o valor dos cavaleiros escolhidos, como também a categoria de alguns dos cavalos designados.

Quanto a nós o principal factor a que podemos atribuir o reduzido número de prémios alcançados, residiu no facto de os cavalos não serem montados pelos oficiais que habitualmente os costumam apresentar, o que se nos afigura prejudicial, tanto para os cavaleiros, — que conhecendo mal os animais não conseguem aproveitá-lhe as qualidades nem eliminar-lhe os possíveis defeitos, — como para as montadas, que estranham os diferentes estilos dos excursionistas.

E' certo que o Concurso de Madrid, um dos mais difíceis da Europa, foi o primeiro da época para os cavaleiros portugueses que pouco tempo tiveram para treinar e, alguns deles receberam os cavalos poucos dias antes da sua saída para Espanha. Isto é, sem duvida, uma atenuante a considerar, como deverá ainda atender-se a que a equipa escolhida em Janeiro, se viu privada, quasi à última hora, da colaboração de dois dos seus elementos — o capitão Fernando Pais e o tenente Fernando Cavaleiro — e ainda de duas montadas de categoria — o «Palol» e o «Sagres», que por doença não puderam deslocar-se a Espanha.

Conseguiram no entanto os componentes da nossa equipa vinte classificações, algumas honrosas, se atendermos a que na luta para a posse dos primeiros postos tiveram de defrontar o melhor com que a Espanha conta neste momento, no que diz respeito a cavaleiros, considerados, muito justamente, dos melhores do mundo, e a montadas que, pela sua categoria, se tornam temíveis adversários.

Dos nossos representantes o capitão José Carvalhosa, que montou «Tete» e «Zuari», foi o mais premiado, conseguindo um 4.º lugar um 5.º, dois 7.º, um 9.º, um 11.º e um 13.º, mas o tenente Joviano Ramos com «Raso» e «Vouga» figurou todos os dias, excepto no último, entre os cavaleiros classificados (3.º, 6.º, 10.º, 11.º, 12.º e 13.º).

O capitão Pimenta da Gama, 2.º da «Taça Generalíssimo», conseguiu ainda um 10.º e um 17.º lugares, no «Xerez», enquanto que o capitão Guedes de Campos, com o «Gongo» e a «Gasa» obteve um 9.º e dois 15.º prémios.

Apenas o «Selecto», um debutante na equipa, não conseguiu classificar-se.

Foram estes os resultados obtidos em Madrid. Resta ver qual a actuação dos nossos cavaleiros no 35.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa ao qual vai concorrer uma fortíssima equipa espanhola, chefiada pelo Coronel Letona e composta pelos comandantes Navarro, Nogueiras, Muñiz e Ordovás, que montarão os magníficos cavalos «Quorum», «Blason», «Ranchero», «Lequeitio», «Tarifa», «Satirico», «Reina» e «Palomera», a partir de sábado próximo, no «Jockey Clube».

ANTAS TEIXEIRA

A equipa portuguesa com o Comandante Kirpatrick



Uma defesa do guarda-rede visitante. Caiado, Rogerio e Araujo estão no ataque



# Imagens do 1.º PORTUGAL-IRLANDA

Francisco Ferreira evita a entrada do interior direito adversário



Uma defesa de Azevedo, para canto. Serafim e Feliciano estão perto



Boa defesa do guarda-rede irlandês

Uma ofensiva dos portugueses. Araujo está rodeado de adversários



Uma defesa do guarda-rede irlandês



Serafim desvia uma bola do alcance do adversário. Feliciano continua o trabalho do seu colega



**MANUEL SANTOS**, que tem militado no Vilanovense Futebol Clube, como atleta e dirigente, é justamente considerado por aqueles que o tiveram já como orientador.

Manuel Santos, em boa verdade, cumpriu sempre com a melhor dedicação, nos postos de comando. Já se sabe que para dirigir bem é preciso ser imparcial e competente, e não faltam essas qualidades a Manuel Santos.

O desporto portuense deve-lhe muitas iniciativas. E já não falamos do seu clube, o simpático Vilanovense, que tem sido escola de bons desportistas.

## Calma forçada...

**N**ÃO pôde concluir-se, até esta altura, o campeonato regional de andebol. A Associação, o mais rapidamente que lhe foi possível, fez derrotar várias vezes o F. C. do Porto — nas categorias principais, em reservas, em juniores — averbando os seus adversários os pontos de uma vitória, que não veio a converter-se em realidade, porque, ao fim de tudo isto, teve de voltar-se ao princípio...

A gerência de uma entidade com deveres de aplicar justiça não é nada fácil, especialmente quando se foge um tanto do caminho sereno e imparcial. O incidente que este ano surgiu no andebol portuense dá-nos bem a prova disso, e felizmente que outros poderes intervieram na altura própria.

Houve, a despeito de tudo, as suas consequências. Os campeonatos regionais não estão concluídos, a despeito de marcações de jogos anteriores, continuando por certo o mesmo espírito em pé de guerra.

As vítimas do incidente juram tirar a sua vingança. Os acusadores, claro, também desejam a sua desforra. O andebol portuense, aparentemente, está calmo. Como tudo ficou onde estava, o mais comodamente possível, esperem pela volta...

Para já, uma vítima: — o árbitro Magalhães. Outras virão.

## Mosaicos nortenhos...

O F. C. DO PORTO venceu nitidamente a equipa de futebol do Boavista, mas o jogo não decorreu com a serenidade que seria para desejar. Os grupos, alguns, claro, nem sempre procuram ganhar à custa de boa exibição. A vitória perturba-os demasiado, e tanto que chegam a provocar excessos de toda a natureza.

Lamentável. É muito mais porque quando deveriam dar provas de boa vontade, melhor energia — deixam isso no balneário ou sabe-se lá onde...

Não fica mal perder. E quando isso sucede com honra e dignidade — até se torna bonito. E 'endido?

❖ O HOQUEI em campo, ao contrário do hóquei em patins, tem o seu progresso assegurado nesta cidade. O número de bons grupos é grande. Todos se equilibram, principalmente o Ramaldense, Boavista, F. C. do Porto, Académico, Leixões, etc.

No campeonato máximo será o Porto representado pelo Ramaldense e o Académico, dois grupos que possuem bons praticantes. Veremos como defendem os seus créditos. Lá bons grupos são eles, indiscutivelmente...

❖ O ATLETISMO deu-nos já um ar da sua graça. Disputaram-se os campeonatos regionais, que deram ao F. C. do Porto uma excelente

vitória, ampla e indiscutível em juniores. O Académico classificou-se em segundo lugar.

O que não faria o F. C. do Porto se tivesse uma pista? Responda quem puder.

❖ FALA-SE numa prova velocipédica, no Norte, a disputar durante 6 dias e organizada pelo F. C. do Porto. Vamos a isso!

O ciclismo nacional precisa de movimento, e está provado que a velocipedia, bem encaminhadas as coisas, não dá prejuízo. O clube campeão, com a sua equipa formada por Fernando Jorge Moreira, Onofre Tavares, Aniceto Bruno e Dias dos Santos, pode bater-se briosamente. Pois preparem-se proves!

❖ O SPORTING foi convidado pelo F. C. do Porto a cooperar numa das suas combinações velocipédicas, a organizar brevemente. Não se conhece, entretanto, a resposta do popular clube lisboeta.

## ATLETAS DO PASSADO



**António Augusto Antunes** merece ser recordado agora, em plena época de Verão. Porque foi no seu tempo um dos melhores nadadores portugueses. E serve-nos o facto para dizer mais uma vez que a cidade, capital do Norte, continua esquecida do que foi em tempos idos nesta modalidade, agora lamentavelmente abandonada.

O nosso apresentado, que principiou no velho Clube Escola Náutica, passou há uns anos a representar o F. C. do Porto, e ali se fixou até hoje, visto que alinha no grupo das melhores dedicações da colectividade.

Há uns bons 15 anos, António Antunes foi campeão de Portugal de «water-polo» pelo seu velho clube, ao lado de Álvaro Sequeira, dr. Canto Moniz, João Pedro Breinha, Faustino Ramalho, Florentino Mota e Pinho, e nessa altura podia dizer-se que o F. C. P. estava no apogeu. O Sporting C. P., numa final memorável, disputada em Leixões, perdeu por 2-1, a despeito dos esforços desesperados da sua equipa, de que faziam parte, salvo erro, o dr. Oliveira Duarte, António Soares, Torock, Stokler, etc.

Eram bons tempos, esses. António Augusto Antunes não era apenas um bom jogador de «water-polo». Em natação pura, bateu muitos dos melhores nadadores lisboetas, e em travessias do Douro e do Porto, de Lisboa, de Viana do Castelo, de Foz ou da Póvoa de Varzim, classificava-se sempre com muito brio. Ganhou muitos campeonatos. E ainda agora, a despeito da sua idade, dá aos novos um exemplo admirável, comparecendo nas provas e sempre como representante do clube que serve há muitos anos.

Lamente-se, entretanto, que à natação portuense falem outros auxílios. O Porto seria tão bom como já foi, e as competições regionais teriam outro sabor. Falar de piscinas já nem vale a pena. É assunto morto...

## ACTUALIDADES...

## Vitória do hóquei em campo portuense

**O**S hoquistas portuenses, que muito se esforçaram pela expansão da modalidade, e tanto que disputaram um campeonato renhido, venceram no domingo, no campo do Lima, a selecção de Lisboa por 3-2.

A vitória, por um único ponto de diferença, pode considerar-se escassa. Mas o que não deixou foi de ser justa. O conjunto nortenho, graças à acção acertada do seu bloco ofensivo, chegou ao primeiro

tempo a ganhar por 2-0. Depois, os lisboetas melhoraram muitíssimo, mas ainda sem demonstrarem superioridade evidente.

O grupo vencedor teve em Vítor Sousa, avançado do F. C. do Porto, o verdadeiro construtor do resultado. Marcou as 3 bolas do encontro e isso diz tudo. Por Lisboa marcou Oliveira Serpa e Carvalho.

Val agora principal o campeonato nacional (Taça) e por certo poderemos ver quanto o Porto se interessou pela modalidade. Este jornada entre cidades serviu para afirmar que os dois centros mais importantes do desporto nacional cumprem o melhor possível a sua obrigação. Com desportivismo, sem provocar atritos, tudo sucede bem. Assim aconteceu nesta boa jornada de hóquei em campo — que se pratica apenas em Lisboa e Porto, cidades que são briosas, dedicadíssimas aos desportos pobres. Se não fore isso...

Ano IV — II Série — N.º 185  
Lisboa, 19 de Junho de 1946

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA  
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA  
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRAFICAS, LDA.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Trav. Cidade João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51846 — LISBOA  
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

# O campeonato nacional

**A** PESAR de longo período de descanso a que foram obrigados pelo atraso anormal no apuramento dos representantes portuenses — e que poderia logicamente perturbar o ritmo de jogo das suas equipas e a forma individual dos respectivos jogadores — os clubes de Lisboa tiveram estrela auspiciosa no campeonato nacional da temporada.

Averbaram duas vitórias, ambas de significativa expressão: o Desportivo «Caf», porque foi ao Porto vencer o forte grapo do Estrela e Vigorosa, para muita gente figurando de favorito na prova; o Sporting, porque derrotou em Lisboa o Futebol Clube do Porto e são sempre, por tradição, feitos notáveis as vitórias alcançadas sobre a mais prestigiosa colectividade do andebol português e seu campeão crónico.

Embora ama só série de jogos seja escasso elemento para formular juízo sobre o destino de uma competição que compreenderá seis, o menos que se poderá afirmar é que se radica no espírito da crítica a impressão de nivelamento de valor entre os dois centros nacionais de prática do andebol, colhida há tempos nos encontros entre as selecções regionais — isto apesar da disparidade de resultados nos jogos do Porto e de Lisboa.

Seja como for que se queiram considerar os factos, ninguém

contestará que o «Caf» se salva com felicidade de um dos grandes obstáculos às suas pretensões; se no próximo domingo, em que é obrigado por uma tabela de distribuição de jogos mais do que fantasista a deslocar-se novamente ao Norte, obtiver sobre o F. C. do Porto um segundo triunfo, não hesitaremos em conceder-lhe justificado favoritismo.

Não pode passar sem reparo o estranho calendário de jogos elaborado pela Federação; se, como nos informaram, ele obedece ao preceituado no respectivo regulamento, dever-se-ia antes do sorteio ter feito a competente rectificação, pois só por engano se pode admitir que um clube, o «Caf», seja forçado a disputar fora os três jogos consecutivos da primeira volta e suceda o contrário ao Sporting, o outro representante da capital, que recebe na próxima jornada o Estrela e Vigorosa.

O público aconcorra bastante numeroso a presenciar os encontros do campeonato; se o facto não passa de normal na cidade do Porto, excede em Lisboa as expectativas habituais e por isso deve ser registado com agrado, como prenúncio de acréscimo de bem merecida popularidade do andebol, estimulando os espectadores para acontecimento de maior vulto, como a anunciada e próxima visita do grapo saçu de Aaran.

José de Eça

## H. VAULTIER & C.<sup>a</sup>

**Máquinas  
e acessórios  
para a indústria**

CASA FUNDADA EM 1897

# ATLETISMO

**A segunda jornada dos juniores,  
o Concurso do C. I. F. e outras coisas mais**

**T**ERMINARAM na manhã de domingo os campeonatos regionais de juniores, sem a animação da primeira jornada mas com o poderoso estimulante de interesse da formidável recuperação dos benfiquistas.

Dos 46 pontos que traziam de vantagem restavam aos sportiniquistas, praticamente três, quando, na última tentativa, o lançador de disco Adelino Martins ultrapassou a marca de Eduardo Matos, o que trouxe em consequência um benefício de outros três pontos para os «leões». Na prova seguinte, o salto em comprimento, Pires Monteiro ganhou, por meio centímetro, um precioso meio centímetro, que tranquilizou os adeptos do Sporting; se pensarmos que o vencedor apenas conseguiu validar o salto que lhe deu a vitória (quatro vezes ultrapassou o limite e da outra vez a chamada foi feita com o pé contrário), não é ilógico concluir que, no momento crítico e a compensar outras contrariedades, a sorte bafejou a equipa verde-branca, cuje representação nesta jornada, por motivos que desconhecemos, mas se podem interpretar por carência do necessário espírito clubista, se viu privada de alguns dos seus melhores elementos.

O homem da manhã foi o corredor de velocidade Mendonça, com os seus excelentes 16,8 s. nos 150 metros, que nos levam a considerá-lo como dos mais seguros valores com que se poderá contar para as competições entre os melhores.

Em contrário, desiludiram-nos os homens que dias antes nos haviam parecido prometedores elementos de meio-fundo; nos 1000 metros, Adriano Gomes (apesar da alenuante de haver perdido um sapato) teve um final de provas francamente mau, muito pesado na embalagem final; e, pior ainda, Cândido Gernacho nem sequer se classificou, mostrando que a ca-

beça não consegue guiar a corrida como merecem as pernas.

Se acrescentarmos uma referência aos barreiristas André e Durão, aos discóbolos Martins e Pinto, ao saltador à vara Mário Lemos (que não pode considerar-se uma revelação) e à habilidade dos saltadores Pires Monteiro (que primorosa extensão final das pernas na queda!) e Ramires, ficam esgotados os motivos satisfatórios desta liquidação do torneio de juniores.

Na segunda-feira da semana passada o Internacional promoveu um torneio com fortes motivos de agrado, nos mesmos moldes dos antigos torneios que, por nossa iniciativa, o Sporting costumava organizar: equipas formadas por um elemento de cada categoria.

Infelizmente, a organização foi desastrosa e aborreceu toda a gente, ainda que os atletas houvessem lutado com brilho e energia.

O acontecimento de maior vulto, pelas suas possíveis consequências, foi a balza de forma em que se apresentou João Silva, doente talvez, fatigado com certeza pela sua exagerada e tardia época de inverno. O alarme vem ainda a tempo, porque o nosso campeão de fundo é indispensável à representação nacional.

Se acrescentarmos a este motivo de inquietação, aquele não menos resultante da má condição demonstrada por Vicente nos 800 metros de domingo (a propósito, elenção para Humberto Bastos, que vai dar trabalho aos melhores), as incertezas das lesões sofridas por Francisco Bastos e Alvaro Dias, a queda de valor de Emídio Ruivo, seremos obrigados a enfiar-nos com pouca segurança a responsabilidade futura do encontro com os atletas espanhóis.

Cautela, dirigentes. Quando os males são graves, acellem-se e impõem-se todas as medidas de emergência.

Salazar Carreira

## A brilhante vitória de Portugal

(Continuação da página 11)

resposte pronta para tudo. No domingo, então, todos o interrogavam. Até nós, que convivemos com êle dia a dia, na luza-luza do jornalismo...

— A substituição de Rogerio?

— Preciso de ter vários jogadores aptos a servir na linha de Portugal. Não pode a gente ficar-se eternamente agarrado a determinadas pedras. Precisamos de mais que onze jogadores e não tenho recelo de afirmar a utilidade do processo. Mais tarde se verá. Trabalhe-se em profundidade. A pouco e pouco, teremos muitos jogadores habituados ao ambiente dos grandes encontros Internacionais, para evitar lamentações constantes sobre a falta de um ou de outro elemento.

«O caso é este. Nada mais. Se Bentes tivesse ocasião de jogar, talvez viessem a dar-me razão bem mais depressa. Rogerio não está em causa.»

— A nossa vitória?

— Magnífica! Não lhe faltou justiça, como reconhecem os próprios adversários. Temos gente boa, pelo país fora. Os «internacionais» fazem-se a jogar — e na «ocasião decisiva». É preciso que o público os conheça, que se vá habituando ao seu ignorado valor! Não há «assinaturas» no team nacional — é quanto posso dizer nesta altura.

Estava cumprida a nossa missão. Aqui fica um bom punhado de impressões de gente com responsabilidades no xadrez da bola. Ficam para a apreciação do leitor que nos acompanhou.





Disputou-se o troféu «Salazar» e a vitória pertence ao «Sunday» do dr. José Gonçalves



O sr. dr. Ribeiro da Fonseca, presidente do Sporting, durante a conferência que efectuou na Sociedade de Geografia



O guarda-rede de andebol do F. C. Porto, não pôde evitar este ponto, de grande penalidade



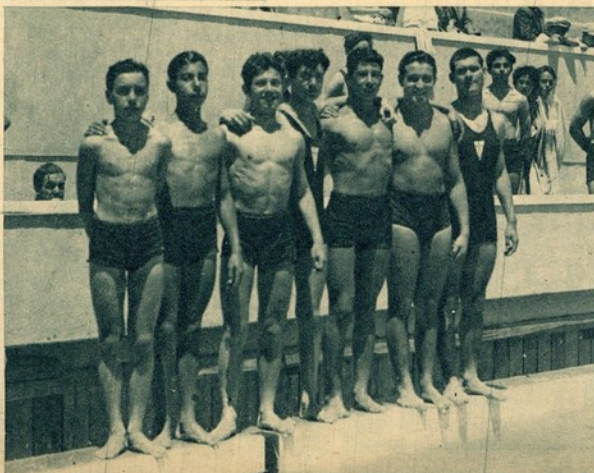
O 1.º grupo do Sporting C. P., que venceu por 8-5 o F. C. Porto em andebol



Disputou-se no domingo um jogo que servia para encontrar o finalista do Campeonato Corporativo. À esquerda — o vencido, Fomento Eborense; à direita, o vencedor, Fábrica do Carvalhinho, do Porto



Disputou-se a final do campeonato de futebol de júnior. Venceu o Sporting por 3-0, sendo finalista o Espinho. Eis uma defesa do guarda-rede visitante



A equipa de natação do Algés, concorrentes ao «Record» da Hora

**GIL  
OCULISTA**

FUNDADA EM 1885  
Depositária das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 2 2629 LISBOA

# Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Capital realizado..... 80.000.000\$00

Fundos de reserva..... 81.000.000\$00

**Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA**

## Dependências Urbanas:

Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão,  
Almirante Reis e Benfica

## Filiais e Agências:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Ponta  
Delgada, Torres Vedras, S. João da Ma-  
deira, Santarém, Torres Novas, Gouveia,  
Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde,  
Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matosinhos,  
Moura, Guarda, Espinho, Montijo,  
Montemor o Novo e Vila Franca de Xira

**E TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS**

# ESTORIL COSTA DO SOL

(A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA)

**Excelente estrada marginal  
Rápido serviço de comboios eléctricos**

\* \* \*

**CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO**

## TODOS OS DESPORTOS:

**Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo,  
Natação, Esgrima, Tiro, etc.**

## ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL:

**Moderno e elegante-Magnífica situação**

## HOTEL DO PARQUE:

**Todo o conforto-Anexo às Termas**

## MONTE ESTORIL HOTEL:

**(Antigo Hotel de Itália)  
Completamente modernizado**

## ESTORIL-TERMAS:

**Estabelecimento Hidro-Mineral  
e Fisioterápico. Laboratório de Análises  
Clínicas. Ginástica-Massagens**

## TAMARIZ:

**Magníficas esplanadas sobre o mar  
Restaurante-Bar**

**Piscina de água tépida-SALA DE ARMAS  
ESCOLA DE EQUITAÇÃO-«STANDS» DE TIRO**

**CASINO:** Aberto todo o ano  
**Cinema - Concertos - Festas  
Dancing - Restaurante - Bars  
Jogos autorizados**

**INFORMAÇÕES:**

**Sociedade Propaganda da Costa do Sol  
ESTORIL**

PRODUTOS DA INDUSTRIA NACIONAL



## A EQUIPA DA IRLANDA (que defrontou o nosso país)



A formação irlandesa constituída por onze efectivos e três suplentos: Courtney, Mc. Millen e Ahern, Carey, Vernon e Farrel, O'Reilly, Sloan, Walsh, Mc Alinden e Eglinton, C. Martin, Flannagan e Cannon.

# A Iluminante

A maior organização do Império  
em MATERIAL ELÉCTRICO

B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 a 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

# Stadium

Esc. 2\$00